

8
523438
7000110983

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 000000114455

Data 15 / 02 / 2007

() Compra (x) Doação () Permuta



ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

NILDA DOS SANTOS

**A BUSCA DO EU SEM MÁSCARA: A PERSONAGEM FEMININA JOANA NA
OBRA PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM DE CLARICE LISPECTOR**

PONTES E LACERDA-MT

2006

82.09
52372
Ex.01
C92568900

NILDA DOS SANTOS

**A BUSCA DO EU SEM MÁSCARA: A PERSONAGEM FEMININA JOANA NA
OBRA PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM DE CLARICE LISPECTOR**

Monografia de conclusão de curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso- Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Elair de Carvalho

Pontes e Lacerda- Mt

2006

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Prof^a Ms. Elair de Carvalho - Orientadora

Prof^a Ms. Susanne Maria Castrillon da Silva – Convidada

Prof^a. Ms. Renata Beatriz B. Rolon – Convidada

Dedico a meus pais, Jaime Jose e Eliana, que mesmo longe sempre me apoiaram e me deram forças para que eu prosseguisse essa caminhada. A meus irmãos, Nivaldo, Apoliana e Renato e as amigas(os) e colegas de trabalho que souberam compreender minha ausência. Em especial, dedico a meu grande amigo Leonardo que esteve sempre a meu lado, dando-me apoio e me ajudando no que foi possível.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus por me dar forças e perseverança para que eu pudesse concluir esta jornada. Agradeço a meus pais fizeram de mim uma pessoa de personalidade e as pessoas que depositaram um voto de confiança em mim. Aqui fica meus sinceros agradecimentos a Professora Elair de Carvalho que não mediu esforços em orientar este trabalho e a professora Silvia Regina Nunes por nos acompanhar nesta trajetória.

Impossível explicar. Afastava-se aos poucos daquela zona onde as coisas têm forma fixa e arestas, onde tudo tem um nome sólido e imutável. Cada vez mais afundava na região líquida, quieta e insondável, onde pairavam névoas vagas e frescas como as da madrugada. (LISPECTOR: 1998, p. 194)

RESUMO

Neste trabalho pretendo percorrer o caminho trilhado por Clarice Lispector em sua obra *Perto do coração selvagem* (1944) a fim de conhecer a personagem principal Joana. A obra marca pelo seu modo anticonvencional de fazer literatura trazendo à tona a personagem Joana expressa por fluxo de consciência, caracterizando a narrativa introspectiva. A história se constrói contrapondo as experiências da protagonista quando menina com as de adulta, mergulhando ora no passado, ora no presente, segundo o fio condutor da memória, apresentando a personagem inadaptada ao mundo opaco e repetitivo. Essa inadaptabilidade aos lugares, às situações, a constante vocação para o mal e o desconhecimento de si mesma fazem parte do processo de descobrir-se, encontrar a razão de ser de sua existência. Tudo isso demonstra o caráter existencialista que percorre a construção da narrativa e da personagem, pois estão estritamente ligados.

Para tanto, o estudo sobre as teorias existencialistas de Sartre e sobre a construção da personagem será o ponto de partida para a realização deste trabalho.

Palavras-Chaves: existencialismo, linguagem clariciana, personagem feminina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
I- A ESCRITA POÉTICA DE CLARICE LISPECTOR.....	11
II- O EXISTENCIALISMO EM CLARICE LISPECTOR.....	21
III- A BUSCA DO EU SEM MÁSCARA: A PERSONAGEM FEMININA JOANA NA OBRA PERTO CORAÇÃO SELVAGEM DE CLARICE LISPECTOR.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

INTRODUÇÃO

Através deste trabalho estarei percorrendo os caminhos para satisfazer minhas inquietações enquanto leitora, visando através do existencialismo de Sartre conhecer a personagem feminina descrita na obra *Perto do coração selvagem* (1998) de Clarice Lispector.

O romance escolhido marca o início da vida literária de Clarice e se formula através da busca por identidade vivida pela personagem Joana que é construída através uma narrativa introspectiva e complexa, seguindo-a desde sua infância até a maturidade. A obra é uma narrativa intrigante e inovadora, o qual funde subjetividade com objetividade, alternando os focos narrativos e o tempo cronológico dando lugar ao mundo psíquico que é sobrecortado pelos complexos existenciais, da personagem protagonista Joana.

Este trabalho busca elencar a relevância da escrita clariciana, a qual não deixa de transmitir a ruptura de valores e padrões até então obedecidos, trazendo a personagem feminina em seu enigma existencialista, em suas lutas por liberdade e sua busca por identidade enquanto “ser”. Para isso, a autora constrói a personagem em sua vivência no cotidiano para poder aos poucos se libertar dos estereótipos.

A narrativa angustiante, com certa dose de automártirio, leva a personagem a viver num monólogo interior, existencial. A obra apresenta como ponto principal o questionamento do “ser”, o “estar no mundo”, o estudo do próprio ser humano, fazendo com que a narrativa seja marcada com uma linguagem ambígua, num jogo de antíteses estabelecendo um movimento conflituoso *de fechamento e abertura, de ruído e silêncio, de iluminação e sombras, de caos e ordem* (GOTLIB, 1995: p.168).

Nesse sentido, personagem e narrador aventuram-se através da imaginação buscando romper com a narrativa linear, com palavras certas dentro de um mundo lógico, tentando recuperar o “coração selvagem da vida” através da busca da liberdade instintiva, rompendo com a barreira da palavra e voltando exclusivamente para os fatos observáveis.

Com uma linguagem própria, Clarice Lispector se destaca pela sua forma de fazer literatura através da originalidade e pelo modo não convencional com que organiza o texto, fazendo do uso das palavras a essência de seus textos.

Dessa forma a personagem feminina- Joana figura a busca que a mulher se propõe no decorrer do tempo por liberdade, por uma identidade, por poder falar por si

mesma, afim de se definir dentro da sociedade que parece ser feita contra ela, procurando com isso transgredir a figura da mulher passiva e submissa.

No intuito de investigar como se dá a construção da personagem criada por Clarice Lispector, a presente monografia busca percorrer este caminho e está dividida em três capítulos onde procura expor sobre a linguagem clariciana que se apresenta em tom poético, a presença das teorias existencialistas dentro da obra e por último a análise da personagem feminina a partir do romance introspectivo que se instaura com o fluxo de consciência e sua perspectiva existencial.

I - A ESCRITA POÉTICA DE CLARICE LISPECTOR

Apesar de reconhecermos nas obras de Clarice Lispector um cunho existencialista, as implicações filosóficas da angustiosa busca da liberdade não se impõem a priori em sua ficção. A grande preocupação em seus livros sempre foi a linguagem, ressaltando assim que seus romances eram muito mais do que narrativas de análise psicológica.

Clarice desperta em 1944 com seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem*, inaugurando um novo período, com uma linguagem renovadora e revelando uma mulher que a sociedade insistia em esconder. Sua obra foi inicialmente considerada pela crítica como uma “experiência incompleta”, com “falhas”, mas, na medida em que Clarice foi escrevendo seus livros posteriores e declarando assim seu projeto literário em execução, tal processo foi revelando através da escrita um traço pessoal caracterizando seu próprio estilo, que só mais tarde a crítica veio a compreender.

As obras claricianas raramente têm um enredo com começo, meio e fim, como as narrativas tradicionais, e a própria autora nunca soube explicar seus processos de criação, pois seus livros contêm “impressões” como ela mesma dizia. A forma como ela se inscrevia e escrevia em sua primeira obra, com uma linguagem inovadora, já prenunciava seu projeto literário de caráter desconstrutor que, a cada livro seu, ia sendo instaurado, revisto, desfeito, construindo e desconstruindo, isso porque em suas construções, tinha a linguagem literária como o começo e o fim em si mesma, assim como suas personagens: *Ela era em si, o próprio fim* (PCS, 1998: p. 76)¹.

Um dos veios temáticos presentes em sua obra poética recai na auto-reflexividade do seu próprio ato de escrever. Clarice lança-se no mundo da introspecção, onde o homem pode refletir sobre o estar no mundo. Esta linguagem trabalhada pelos modernistas, principalmente pelos que se situam em sua segunda fase, como Clarice Lispector e Guimarães Rosa, faz com que a literatura brasileira adquira um tom intimista. É nesse uso da linguagem trabalhada que Clarice pode ser considerada como uma “instrumentalista”, por usar a palavra como instrumento de trabalho poético e não apenas como veículo condutor de idéias.

O modernismo, de acordo com Antonio Candido em seu livro *Literatura e Sociedade*, quebra as concepções até então vigentes e:

¹ A partir deste momento estaremos utilizando da sigla PCS para nos referir a obra *Perto do coração selvagem* de Clarice Lispector

Inaugura um novo momento na dialética do universal e do particular, inscrevendo-se neste com força e até arrogância, por meio de armas tomadas a princípio ao arsenal daquele. Deixa de lado a corrente literária estabelecida, que continua a fluir; mas retoma certos temas que ela e o espiritualismo simbolista haviam deixado no ar. (2000: p. 119)

Nesse processo de ruptura de tendências, a autora faz um trabalho de subjetivação da realidade, através de uma crescente absorção do tu pelo eu, colocando todo o interesse de suas narrativas na busca pelo "eu". Suas personagens ganham vida própria, agindo por si mesma, sem se interessar com o mundo exterior, pois vivem lançadas em um processo de epifânia, numa ruptura de valores afim de encontrar o que verdadeiramente buscam. A este "instante mágico" que se referem os críticos como o famoso momento da "epifânia" do grego *epiphaneia*, Affonso Romano de Sant'Anna em sua obra *Análise estrutural de romances brasileiros* (1990) nos diz que o termo:

pode ser compreendido num sentido místico-religioso e num sentido literário.(...) Aplicado à literatura, o termo significa o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação (p. 163).

Esse trabalho de subjetivação da realidade é como se a escritora estivesse construindo a si mesma. Vida e obra de Clarice é um desafio e esse desafio é atualizado sempre que abrimos uma obra sua, o sentido flui, pois seus textos nunca são os mesmos. É este desafio que autora lança a seus leitores, ao se identificar com suas histórias e trilhar o mesmo caminho que trilhou para constatar por fim que o mais importante é a trajetória de busca e voltar de mãos vazias.

Sua escrita surge, ao construir suas histórias, como fragmentos. Na medida em que se constrói a narrativa, a escritora vai construindo ou reconstruindo a sua história pessoal. Segundo Antonio Candido:

(...) a literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar. (2000: p. 53)

Suas personagens vivem uma vida cotidiana, as quais Clarice emprega a técnica do monólogo interior em decorrência da introspecção, como se ela emprestasse sua voz as personagens e estas a possibilitasse de realizar seu trabalho. A literatura clariciana torna-se assim totalmente introspectiva, já que se volta sobre si mesma, o evento principal passa a ser o problema vivido por suas personagens. A literatura experimental

de Clarice, experimental por ser a inauguração de uma série de obras, se observa como busca do existencial, permeada na essência humana onde o tempo vivo se concentra no espaço da consciência. Por essas questões, o crítico Massaud Moisés, ao se tratar de Clarice Lispector, declara que:

Na verdade, a autora representa na atualidade literária brasileira (e mesmo portuguesa) a ficcionista do tempo por excelência: para ela, a preocupação capital do romance (e do conto) reside no criar o tempo, criá-lo aglutinado às personagens. Por isso correspondem suas narrativas a reconstruções do mundo não em termos de espaço mas de tempo, como se, captando o fluxo temporal, pudessem surpreender a face oculta dos seres e da paisagem circundante (1997: p. 221).

Sua escrita propõe uma relação interna com leitor, fazendo com que o mesmo se identifique frente a angústia e o desafio enfrentado dia-a-dia pelos personagens. Ao criar suas histórias a autora faz com que o leitor possa perceber a relação íntima existente entre suas personagens fictícias e as personagens da vida real.

A linguagem utilizada dá margens a uma análise poética, uma vez que a narradora faz uso de palavras comuns utilizadas no dia a dia, dando-lhes sentido diverso, imprevisto. No fragmento abaixo, em que Joana brinca de inventar poesias, podemos perceber esse uso da linguagem com palavras comuns, inventando poesias que fogem a compreensão do pai, mas que no fundo relata a visão existencialista da personagem vendo através do fim de um “ser” a sobrevivência do outro:

— Papai, inventei uma poesia.
— Como é o nome?
— Eu e o sol. Sem esperar muito recitou: — “As galinhas que estão no quintal já comeram duas minhocas mas eu não vi”.
— Sim? Que é que você e o sol têm a ver com a poesia?
Ela olhou-o um segundo. Ele não compreendera...
— O sol está em cima das minhocas, papai, e eu fiz a poesia e não vi as minhocas... — Posso inventar outra agora mesmo: “O sol, vem brincar comigo”. (PCS, 1998: p. 14)

As palavras utilizadas pela narradora são quase sempre chocantes, pois condensam o mundo num grito, numa imagem repleta de som e ritmo, sendo a palavra neste sentido simbólica e representativa. Dessa forma se observa:

A máquina do papai batia tac-tac...tac-tac-tac... O relógio acordou em tinden sem poeira. O silêncio arrastou-se zzzzzz. O guarda-roupa dizia o quê? roupa-roupa-roupa. Não não. Entre o relógio, a máquina e o silêncio havia uma orelha a escuta, grande, cor-de-rosa e morta. Os três sons estavam ligados pela luz do dia e pelo ranger das folhinhas da árvore que se esfregavam umas nas outras radiantes. (PCS, 1998: p.13)

Os acontecimentos ficcionais de seus textos permitem uma surpresa perturbadora. Seu primeiro capítulo, do qual retiramos o fragmento acima, dá a impressão de que estamos diante de uma poesia, através do uso de onomatopéias em contraste com o destaque de móveis simples que relata uma vida sem muitos movimentos. Apenas temos o silêncio, o tin-dlen do relógio e o tac-tac da máquina, formando assim, um amontoado de coisas velhas que dão uma imagem mórbida. Entre esses objetos a narradora descreve uma orelha à escuta, cor-de-rosa, cor que simboliza amor, ternura e paz interior, porém a narradora a descreve como morta, num jogo de antíteses, contradizendo tudo aquilo que havia dito antes. Talvez a narradora escrevesse esses detalhes tentando chamar a atenção do leitor a perceber na personagem Joana seu caráter sombrio com certo gosto para as coisas mórbidas, para não dizer gosto pela morte, pois Joana desde criança percebia o fim inevitável dos seres. Em contraposição com a descrição opaca dos objetos temos a *luz radiante do dia* e o agitar das *folhas das árvores*, fazendo o uso da antítese, que a narradora estabelece uma relação de morte e vida. Em relação à morte é importante observar que a personagem é contrária a todas as regras e conceitos que aprisiona as pessoas. A casa passa a ser assim, uma prisão, lugar onde tudo fica fechado e guardado para ir acabando pouco a pouco com o tempo enquanto a vida é desfrutada lá fora. Joana passa por várias tentativas de sobrevivência ao lado dos outros, mas é em suas fugas para a praia que ela realmente se sente livre. Seu casamento é para ela uma cadeia e, quando do seu término, parte em viagem buscando encontrar a vida em si mesma, sem limites ou roteiros a seguir.

Com isso, a obra clariciana se inscreve na Literatura Brasileira como uma narrativa lírica. Esse lirismo se dá pela tentativa de exprimir sensações através da submissão das palavras à compreensão de vários sentidos do que a preocupação em escrever, pois Clarice simplesmente escrevia.

Assim, o jogo de palavras que a narradora trava no decorrer da obra, serve não menos do que para dar sentido à ruptura de valores e à busca por liberdade que a personagem percorre e, isso acontece devido ao caráter existencial que busca respostas em si mesma. Neste ato, tentamos apreender o que nos diz a teoria existencialista de Jean-Paul de Sartre a respeito:

Quando declaro que a liberdade, através de cada circunstância concreta, não pode ter outro objetivo senão o de querer-se a si própria, quero dizer que, se alguma vez o homem reconhecer que está estabelecendo valores, em seu desamparo, ele não poderá mais desejar outra coisa a não ser a liberdade como fundamento de todos os valores. Isso não significa que ele a deseje

abstratamente. Mas, simplesmente, que os atos dos homens de boa fé possuem como derradeiro significado a procura de liberdade enquanto tal. (SARTRE, ONLINE)

Contudo, boa fé é justamente o que não encontramos na protagonista, já que ela desde pequena tinha um adocicado gosto para mal. É, ainda, no primeiro capítulo que encontramos a menina Joana brincando de *sonhar*, brincando de *que é que eu faço*, que inventa brincadeiras em meio a uma realidade concreta. Entre o ruído da máquina do pai e o arrastar do silêncio, temos um mundo de *sensações fortes e insólitas* e é nesse mundo que a menina já percebe seu caráter enigmático, reconhecendo assim o mundo vital destinado a morte: *Encostando a testa na vidraça brilhante e fria olhava para o quintal do vizinho, para o grande mundo das galinhas-que-não-sabiam-que-iam-morrer* (PCS, 1998: p. 13).

É através do uso das palavras, por intermédio da introspecção que a personagem se lança ao mundo da imaginação, obtendo assim o poder da criação fictícia. Aquilo que ela diz passa a existir, como podemos verificar abaixo:

O que pensava passava a ser pensado. Mais ainda: nem todas as coisas que se pensam passam a existir daí em diante... Porque se eu digo: titia almoça com titio, eu não faço nada viver. Ou mesmo se eu resolvo: vou passear; é bom, passeio... e nada existe. Mas se eu digo, por exemplo: flores em cima do túmulo, pronto! eis uma coisa que não existia antes de eu pensar flores em cima do túmulo (PCS, 1998: p. 40).

Ao contrário de tudo o que tínhamos nos romances tradicionais de tons jocosos e supranatural, no modernismo encontramos narrativas que interrogam sua própria estrutura, uma crise interna, buscando através da linguagem sua elevação mais pura, de forma a apresentar seu processo de construção. Tal realidade estética é estudada e discutida por Macolm Bradbury e James Mcfarlane em seu livro intitulado *O modernismo* (1989), onde levantam questões relevantes sobre este período de muitas caras e vários aspectos, declarando que:

Um dos grandes temas do romance modernista, com efeito, é o tema da arte do próprio romance, o qual, obrigando o leitor a ir além do conteúdo narrado do romance e a entrar em sua forma, deu à ficção modernista um caráter predominantemente simbolista. Nas palavras de Ortega y Gasset, ele transformou o romance atual numa antes de figuras que de aventuras – uma arte que não narra o mundo, mas o cria (p. 323-324, grifos do autor).

A sua forma de *narrar*, ou melhor, de *criar* suas personagens e sua narrativa como um todo, é um convite para que o leitor se jogue nessa atmosfera que busca, acima de tudo, a compreensão do ser humano.

O crítico Lauro Escorel ao escrever um artigo dedicado à Clarice sobre o sucesso de seu livro *Perto do Coração Selvagem* não tarda em afirmar que os recursos utilizados revelam não mais que a *personalidade da escritora*, ressaltando ainda que:

O tipo de linguagem que autora adota surge apenas como uma tentativa de adequação dos meios à matéria narrada, ou seja, a lógica não consegue bem representar sensações, as emoções, o inconsciente e o indefinido da personagem. Daí a opção pelo lírico, traíndo a afirmação da natureza racional da prosa (In: GOTLIB, 1995: p. 184).

É como se a autora, através de seus narradores, violasse os padrões vigentes na prosa e induzisse o leitor a deixar as tradições e as formas repetitivas para se lançar em uma nova forma de ficção. Isso se deve a nova técnica de narrar adotada nessa era moderna.

No livro *O foco narrativo* (1997), Ligia Chiappini M. Leite declara que essa técnica envolve o narrador na situação narrada, apagando aí os contornos entre passado e presente. Nesse sentido, com essa nova narrativa, acontece que:

Substitui-se o NARRADOR por uma voz diretamente envolvida no que narra, narrando por apresentação direta e atual, presente e sensível pela própria desarticulação da linguagem, o movimento miúdo das suas emoções e o fluxo de seus pensamentos. E, com isso, anula-se a distância entre o narrado e a narração (1997: p. 72).

O narrador em *Perto do coração selvagem*, ora aparece em terceira, ora em primeira pessoa, recorrendo ao fluxo de consciência, o que faz com que o leitor fique perdido entre narrador e personagem. Para isso, a escritora utiliza do monólogo interior como forma de exteriorizar os sentimentos, a apreensão e angústia dos personagens, em especial de nossa personagem principal, Joana.

Ora temos um monólogo direto, sem intervenções:

Na verdade estou ajoelhada, nua como um animal, junto à cama, minha alma se desesperando como só o corpo de uma virgem pode se desesperar. A cama desaparece aos poucos, as paredes do aposento se afastam, tombam vencidas. E eu estou no mundo, solta e fina como uma corça na planície. Levanto - me suave como um sopro, ergo minha cabeça de flor e sonolenta, os pés leves, atravesso campos além da terra, do mundo, do tempo, de Deus. Mergulho e depois emergo, como de nuvens, das terras ainda não possíveis, ah ainda não possíveis. daquelas que eu ainda não soube imaginar, mas que brotarão. Ando, deslizo, continuo, continuo... Sempre, sem parar, distraíndo minha sede cansada de pousar num fim. (...) (PCS, 1998: p. 68)

Outras vezes, esse monólogo ou fluxo de consciência aparece entrecortado pela voz da narradora que explica e opina sobre o personagem:

Depois de instalar-se junto à mesa, arrumava-a e, a consciência avivada pela noção das coisas ao redor, — não me perder em grandes idéias, sou também uma coisa — deixava a pena correr um pouco livremente para libertar-se de alguma imagem ou reflexão obsedante que porventura quisesse acompanhá-lo e impedir a marcha do pensamento principal (PCS, 1998: p.118).

Como se pode observar no fragmento acima, narrador e personagem se entrelaçam, numa alternância de foco. Cada personagem adquire um estilo próprio dentro da obra que se juntam para formar um todo.

Nesse sentido, fazemos uso das palavras de Massaud Moisés ao relatar a totalidade que a obra se forma:

Procura realizar o desiderato último de todo o ficcionista: alcançar uma idéia de totalidade do Universo. Semelhante totalidade só se torna acessível alterando o ângulo visual, de modo a abranger aspectos diferentes, mas que, somados, dão a unidade e a globalidade requeridas (1997: p. 290).

Utilizando do processo de associação alternando entre passado e presente o romance *Perto do coração selvagem* é construído. Podemos perceber na obra, que a primeira parte do livro situa-se num tempo totalmente psicológico sem nenhuma linearidade com capítulos que tratam de Joana - menina, os quais aparecem antes, depois ou entre reticências e capítulos que trazem Joana - mulher, utilizando do flash - black para que, através de um acontecimento ou fato seja ele interior ou exterior, a personagem volte ao passado, recorra à memória reconstruindo assim o que já viveu.

De acordo com o crítico Erich Auerbach (2002) é necessário observar os fatores que influenciam a personagem a se projetar no fluxo de consciência e *o que é essencial é que um acontecimento exterior insignificante libera idéias e cadeias de idéias, que abandonam o seu presente para se movimentarem livremente nas profundidades temporais* (p. 487).

Esse movimento de ir e vir está estritamente ligado à busca que a personagem trava no decorrer da narrativa, num constante vir-a-ser, pois a idéia de completude significa que tudo está onde deveria estar, não há nada a fazer, e desde criança Joana se angustiava procurando o que fazer *papai, que é que eu faço* (p. 15). A própria Clarice sempre repudiou essa completude dizendo *é horrível a gente já está completa* (In: Gotlib, 1995: p.176)

É nesse processo de subjetivismo que a personagem se lança, fazendo ver-se incompleta, que a joga no mundo da imaginação e a impulsiona a lutar por sua liberdade das cadeias o qual a sociedade lhe oferece no dia a dia. Para Jean-Paul Sartre, o

existencialismo torna a vida humana possível e declara que toda a ação implica um meio e uma subjetividade humana. Com esse pensamento de Sartre:

O subjetivismo significa, por um lado, escolha do sujeito individual por si próprio e, por outro lado, impossibilidade em que o homem se encontra em transpor os limites da subjetividade humana. É esse segundo significado que constitui o sentido profundo do existencialismo (SARTRE, ONLINE).

Na segunda parte do livro encontramos Joana – mulher numa narrativa de tempo ordenado e concretizado através da sucessão horizontal dos fatos desde sua vida de casada, seu confronto com Lúcia amante de seu marido, o encontro com o amante, a partida de Otávio e do amante e sua viagem em busca de si mesma. Tudo construído e desconstruído concretamente, sem deixar de regressar à memória.

A escritora utiliza de personagens visualizados no cotidiano tentando dar ao romance um tom de verossimilhança. Elas possuem um aspecto dinâmico não se atendo as definições físicas, mas fugindo a qualquer estereótipo declara o ser humano em sua realidade sem escrúpulos, como se percebe em:

E havia qualquer coisa no seu olhar, nas suas mãos apalpando o corpo da cachorra que a ligava diretamente à realidade desnudando-a. Como se ambas formassem um só bloco, sem descontinuidade. A mulher e a cadela ali estavam, vivas e nuas, com algo de feroz na comunhão (PCS, 1998: p. 90).

A narradora vai ao substrato do ser humano, revelando assim a essência da personagem principal Joana. Ao alisar a cadela que estava grávida, a personagem navega num mundo além da realidade vivida, igualando-se à cadela. Joana se sente como se também estivesse em gestação, como se ao fim daquela gestação ela pudesse colocar algo para fora, gestação essa que lhe dá ânsias diante da bondade, que faz com que ela vomite diante das coisas mórbidas para se sentir livre enfim no momento do parto. A personagem é valorizada pela constante ação de transformar-se, não se prendendo às regras.

Através do constatar fazer lingüístico, o ser humano é constantemente comparado e relacionado a animais. A própria Joana se compara a um cão:

(...) Me levanta a cabeça com a mão, me cobre com um lençol grande, afasta alguns fios de cabelo da minha testa, já branca e fresca, e me diz antes de eu adormecer mornamente: vai ver como em pouco tempo engorda esse rosto, esquece as maluquices e fica uma boa menina. Alguém que me recolha como a um cão humilde, que abra a porta, me escove, me alimente, me queira severamente como a um cão, só isso eu quero, como a um cão, a um filho (PCS, 1998: p. 148).

Nesse sentido, Joana buscava fugir às regras e conceitos impostos pela civilização tentando a cada instante desvalorizar o “ser” enquanto objeto pronto e acabado. Urge dizer, que as personagens criadas por Clarice Lispector, geralmente são representantes da classe burguesa vivendo sempre em espaços urbanos os quais não conseguem se adaptar, exceto Macabéia da obra “A hora da estrela” que vive uma vida totalmente suburbana. Personagem e narrador, aventuram-se por meio da imaginação. São por vezes desajustados e frustrados, escondendo em seu próprio mundo e buscando romper com a barreira da palavra, com o mundo lógico.

—Só depois de viver mais e melhor conseguirei a desvalorização do humano, dizia-lhe Joana às vezes. Humano- eu. Humano – os homens individualmente separados (...).

—É difícil tal desvalorização do humano, continuava, difícil fugir dessa atmosfera de fracasso de revolução — a adolescência—, de solidariedade com os homens na mesma impotência de conseguir. No entanto como seria bom construir alguma coisa pura, liberta do falso amor sublimizado, liberta do medo de não amar... Medo de não amar, pior do que o medo de não ser amado... (PCS, 1998: p. 93).

Para Antonio Candido, a personagem nos aparece de forma fragmentária, mas (...) *no entanto, a sua combinação, a sua repetição, a sua evocação nos mais variados contextos nos permite formar uma idéia completa, suficiente e convincente daquela forte criação fictícia* (1995: p. 58).

A personagem é construída como um processo de “metamorfose”, aos poucos, mostrando suas garras e por fim, ganhando asas para ir em busca de sua verdade. Dessa forma Joana desfila na vida dos outros personagens, espalhando seu veneno de víbora por onde passa, sem ter tempo de olhar para trás e se arrepender.

Com isso, o estudioso e crítico Benjamim Abdala Junior, ao estudar a escrita de Clarice, declara que:

Longe de fazer uma literatura alienada, Clarice Lispector levanta justamente o cotidiano alienado. É a repercussão dele nas pessoas que a preocupa. Desse ponto de vista, seus livros são altamente comprometidos com o homem e com a realidade dele. “Porque realidade não é um fenômeno puramente externo!” diria a Autora (1994: p. 273).

A leitura também é lúdica pois o leitor tenta adivinhar o que Clarice colocou em suas próximas páginas e se surpreende com o que vê. Seu caráter que busca a liberdade só será possível desesteriotipando o conhecimento sistêmico impregnado à vivência, e o principal agente desse processo é o próprio ser humano.

Assim, Clarice Lispector surge na literatura brasileira com a redescoberta das palavras com uma linguagem mais elaborada, tentando através dela expressar o rompimento das estruturas estereotipadas.

II - O EXISTENCIALISMO EM CLARICE LISPECTOR

Debruçar-se sobre a obra de Clarice Lispector é adentrar num território reversível, onde tudo é possível. Construção e desconstrução se alternam na busca incessante do eterno “eu” como figuras de um caleidoscópio que se compõe, se decompõe e se recompõe.

Ainda, que seja difícil descrever exatamente todas as correntes literárias contemporânea, podemos dizer que Clarice Lispector foi destaque entre os escritores que fizeram parte deste período de constante revolução que foi o modernismo. Com sua ficção suprapessoal, inovando com uma abordagem penetrante dos problemas gerados entre os indivíduos e o contexto social, com grande ênfase no interior do ser humano, Clarice mostra ao mundo uma nova maneira de se fazer literatura.

Ao publicar sua primeira obra *Perto do Coração Selvagem* em 1944, Clarice Lispector demonstra seu esforço em querer atingir as camadas mais profundas da consciência humana, num mergulho psicológico raras vezes tentado em nossa literatura. A autora traz à tona uma narrativa introspectiva que declara a mulher em sua existência, representada pela personagem Joana que vive um conflito existencial, numa narrativa angustiante com certa dose de automartírio. Suas personagens, de modo geral, são seres inadaptadas ao mundo repetitivo e inautêntico que as despersonaliza, construindo assim traços característicos de teorias filosóficas existencialista, embora Clarice tenha declarado que não procedeu tal aproximação.

A maneira com que Clarice escreve se encaixa perfeitamente ao período em que está inserida e o seu modo de ser, fugindo de uma linguagem estereotipada e formal, instalando assim um romance que marca pela originalidade e pelo seu modo anticonvencional.

Em *Perto do coração selvagem* o tema passa a *segundo plano e a escrita a primeiro, fazendo ver que a elaboração do texto era elemento decisivo para a ficção atingir o seu pleno efeito* (CANDIDO, 2000, p.206). Clarice vai buscar as coisas minúsculas, do cotidiano, o dia a dia das pessoas, focalizando-as a partir do seu interior.

Assim, a estudiosa Nadia Battella Gotlib em seu livro *Clarice: Uma vida que se conta*, declara:

Eis o que a literatura de Clarice nos traz: em meio à banalidade do cotidiano, a ruptura do tempo histórico, mergulhando numa outra realidade que se eterniza e se repete no gosto doce e amargo das coisas de que somos feitos. Essa experiência – de passeio pelo jardim ou de leitura de Clarice – realça a

inevitável convivência com a difícil realidade da condição humana (1995: p. 77).

Com base na teoria filosófica existencialista de Jean-Paul de Sartre, podemos destacar como o ponto central sendo “A Existência precede a essência”, então, temos que o homem existe, se descobre, surge no mundo para então se definir, ou seja, ele é um projeto e vai se compondo através de suas experiências, já que ele é livre e responsável pela decisão de sua própria existência, *o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo* (SARTRE, ONLINE). Assim, o estudioso João da Penha em seu livro *O que é existencialismo* relata que:

É justamente por existir que o homem só pode definir-se a partir de seu ser existente, quer dizer, é o fato de existir que possibilita ao indivíduo ser ou não ser o que é. Enquanto a pedra é, e assim será sempre, o homem existe e a partir de então define o que deverá ser (1998, p. 31).

O homem torna-se assim consciente de sua existência. De acordo com Sartre, uma das formas de se adquirir essa consciência por meio do existencialismo é através da angústia, pois:

É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma em questão (2005: p. 72).

Mas, é na decisão de escolha do homem que se situa essa angústia e não na morte e no medo, como dizem alguns, por isso Sartre declara que o existencialismo é um humanismo porque dá ao homem liberdade de escolha. A esse respeito, o pensador dinamarquês Kierkegaard foi um dos primeiros filósofos a descrever a angústia como experiência fundamental do homem frente à liberdade. Para o filósofo:

A angústia se distingue do medo porque o medo é medo dos seres do mundo, e angústia é angústia diante de mim mesmo. A vertigem é angústia na medida em que tenho medo, não de cair no precipício, mas de me jogar nele. Uma situação que provoca medo, pois ameaça modificar de fora minha vida e meu ser, provoca angústia na medida em que desconfio de minhas reações adequadas a ela (In: SARTRE, 2005: p. 73).

A partir desse princípio, Clarice cria sua personagem, Joana, uma representante da classe feminina que busca angustiadamente por sua identidade. A personagem tenta se despir das máscaras impostas pela sociedade em busca de uma liberdade autêntica e pessoal. Suas experiências de vida e suas frustrações fazem com que ela questione a todo instante o porquê de existir, logo, Joana almeja mais que existir, pois consciente de sua existência ela busca sua essência. Essa personagem não consegue se situar dentro

das regras sociais impostas à mulher, não encontrando um espaço próprio onde possa atuar.

Nesse sentido, a angústia é o medo do vazio da existência humana, cujo princípio é o sintoma para o reconhecimento de si e sua existência. É através da fuga da realidade admissível, dos valores morais, das relações humanas e religiosas, que o homem chega à beira do precipício de encontro com a angústia, constituindo assim, sua própria existência e consciência. Ainda assim, Sartre adverte que (...) *na angústia, capto-me ao mesmo tempo como totalmente livre e não podendo evitar que o sentido do mundo provenha de mim* (2005: p. 84). Contudo, Heidegger nos chama a atenção para dizer que:

O homem, só atinge a plenitude de seu ser na angústia. É através dela que o Dasein transcende os momentos particulares de sua existência, apreendendo-a em seu conjunto, na totalidade de suas manifestações, experimentando antecipadamente a morte e o nada. Apenas o homem se angustia, pois unicamente ele vive a cada instante sua vida inteira, e, nesse ato reflete sobre a totalidade do seu ser (In: PENHA, 1998: p. 34).

É nesse sentido que a protagonista Joana é uma representante da angustia existencial, pois procura viver cada instante de sua vida em prol de si mesma, fazendo um minuto de seu pensamento transformar-se em uma vida.

Através dessa liberdade e consciência de ser, o homem passa a tomar suas próprias decisões, não há o que o impeça de transfigurar a passividade da civilização, ressaltando que, o existencialismo como proclama Sartre, não é tristeza nem falta de esperança, mas uma renovada confiança no significado do ser humano.

Tratar do interior do ser humano não é uma tarefa fácil, o que Clarice Lispector o fez com a mais exposta perfeição. Sua obra, aqui em destaque *Perto do coração selvagem* foi escrita "*com muita angústia*" dada a sua incapacidade de registrar, em casa, na folha em branco, as idéias que lhe surgiam anteriormente no jornal, (...) (GOTLIB, 1995: p. 171). A personagem é como essa folha em branco que Clarice vai aos poucos preenchendo desordenadamente, ora contando seu passado- sua infância- ora seu presente- vida adulta-, como se estivessem escrevendo sua autobiografia, contado sua história de acordo com suas lembranças.

A autora vai deixando, no decorrer de suas obras, marcas dessa angústia frente ao mundo, essa solidão, essa busca pelo nada, pelo vazio, e uma incessante reflexão interior, como se fosse suas próprias pegadas, como se ao escrever ela fosse conhecendo a si mesma. O homem, tal como o concebe o existencialismo, se não é definível, é

porque primeiramente não é nada e só depois será alguma coisa, pois o homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja. Assim a personagem vai se definindo conforme vai sendo construída.

Joana perde a mãe muito cedo e vive com o pai que logo percebe seu caráter distante e frio. Tenta introduzi-la ao mundo a que realmente pertence, inventando brincadeiras, mandando-a fazer a tarefa da escola, contudo não hesita em perceber a solidão e busca que Joana tinha por coisas vagas, pelo nada, interrogando-se sobre sua existência: *O que vai ser de Joana?* (PCS, 1998: p. 17). Ela que em seus momentos de solidão, inventava personagens para brincar, personagens estas que na realidade se tratava da transfiguração dela mesma.

Dessa forma, a personagem encarna desde criança o mundo da solidão e da interrogação e seu caráter enigmático deixava assustadas as pessoas que viviam ao seu redor: *O que se consegue quando se fica feliz? (...) Queria saber: depois que se é feliz o que acontece?* (PCS, 1998: p. 29).

Assim, Joana busca desde criança por respostas que a vida parece esconder. Como explicar a felicidade?, Joana buscava explicação, deixando assim sua professora sem resposta diante de tal interrogação. Essas perguntas são camufladas por palavras e conceitos morais que não explicam a busca de Joana, mas que faz com que ela viva a vida sem interrogar. É exatamente isso que a sociedade faz com as pessoas. Camuflam aquilo que vem de encontro com os padrões estabelecidos pela moral ou mesmo pelos mecanismos ideológicos de poder, colocam máscaras para que todos se vejam como iguais sem questionar o que está imposto. À mulher cabe ouvir e obedecer, mas à Joana e mesmo à Clarice, a vida só faz sentido através da busca e do questionamento.

Através do tempo, o homem vem passando por inúmeras transformações, se lançando num mundo inquieto que busca explicações ocultas para a vida, questionamentos estes que instigam o aparecimento de estudos sobre a existência do ser, estudos que é sempre reavivado em face ao mundo conflituoso que o homem moderno vem vivendo, tendo em vista os conflitos internos que o homem busca entender. Nesse sentido, o estudioso João da Penha afirma:

Mais que uma doutrina filosófica, o existencialismo passou a ser a identidade como um estilo de vida, uma forma de comportamento que designa atitudes excêntricas e caracteriza seus seguidores como depravados, promíscuos e mórbidos. Tudo que infringe as regras estabelecidas, a linha divisória entre o certo e o errado, é considerado existencialista (1998: p. 104).

Cabe dizer, que, Joana quando pequena rouba um livro em companhia de sua tia, e ao tomar a atitude de roubar o livro, ela escolhe para si determinada ação porque é livre e assim, quebra as regras morais, civis e religiosas vigente na sociedade, sendo portanto, considerada pela tia como uma víbora. Tão ação se justifica porque de acordo com a doutrina existencialista, como descreve Sartre, podemos dizer que, *reconhecendo-se livre, ele-homem- percebe que não é apenas o que escolheu ser, mas também um legislador que, ao escolher para si mesmo, escolheu também para a humanidade inteira* (In: Penha, 1998: p. 48).

Com efeito, a personagem não se angustia apenas com o que lhe acontece, mas porque ela está inserida em uma sociedade, da qual é parte integrante, e, sabendo-se diferente, busca a realização do seu próprio ser. No deslocamento social do mundo, na incompreensão alheia e na recusa em fazer as mesmas coisas que a vida oferece todos os dias, a protagonista Joana entra em conflito por não encontrar solução para tais questões. Ela observa e absorve as atitudes da mulher da voz, mas não consegue entendê-la. Assim vejamos:

Um dia, depois de viver sem tédio muitos iguais, viu-se diferente de si mesma. Estava cansada. Andou de um lado para outro. Ela própria não sabia o que queria. Pôs-se a cantar baixinho, com a boca fechada. Depois cansou-se e passou a pensar em coisas. Mas não o conseguia inteiramente. Dentro de si algo tentava parar. Ficou esperando e nada vinha dela para ela. Vagarosamente entristeceu de uma tristeza insuficiente e por isso duplamente triste. (...) Tentou num último esforço inventar alguma coisa, um pensamento, que a distraísse. Inútil. Ela só sabia viver (PCS, 1998: p. 77).

Mesmo não conseguindo compreendê-la, Joana admira e inveja as atitudes da mulher -a mulher da voz-, pois *ela nascera para o essencial, para viver ou morrer* (PCS, 1998: p. 78), mas para Joana buscar conhecê-la seria ir à loucura ou, ser como ela, alguém que Joana não conseguiu conhecer interiormente, alguém que escondia algum mistério. A angústia de Joana se faz por não encontrar respostas para seus questionamentos, por buscar romper com a barreira de valores, por encontrar a si mesma como ser livre. Nesse sentido Sartre relata:

E minha liberdade se angustia por ser o fundamento sem fundamento dos valores. Além disso, porque os valores, por se revelarem por essência a uma liberdade, não podem fazê-lo sem deixar de ser "posto em questão", já que a possibilidade de inverter a escala de valores aparece, complementarmente, como minha possibilidade. A angústia ante os valores é o reconhecimento de sua idealidade (2005: p. 83).

Contudo, é nos seus momentos de solidão e angústia que Joana tenta entender quem realmente é e em que se baseia sua busca. Quando criança se refugia no professor,

o qual, em seu complexo de adolescência, o idealiza como mais que uma figura magistral, mas através de uma relação carnal. Como se pode perceber no fragmento abaixo:

Num súbito movimento, antes de se interpretar, o professor estendeu-lhe a mão por cima da mesa. Joana estremeceu de prazer, deu-lhe a sua, enrubescida.

—O que foi?—disse ela baixinho. E amava aquele homem como se ela mesma fosse uma erva frágil e o vento a dobrasse, a fustigasse. Ele não respondeu, mas seus olhos eram fortes e tinham pena. O quê? — subitamente ela se assustou (PCS, 1998: p. 55-56).

É ao professor que Joana tenta explicar suas ações e conseqüentes crises existenciais. Mas, é em Joana — mulher que o romance prefigura seu verdadeiro âmago existencial. Após casar-se com Otávio, que até então era namorado de Lúdia e que passa a se tornar depois de um tempo do casamento em sua amante, Joana sente-se vazia e vê que o casamento não preencheria sua vida, ao contrário, fez sua existência tornar-se um tédio, como se vê abaixo:

Os dias foram correndo e ela desejava achar-se mais. Chamava-se agora fortemente e não lhe bastava respirar. A felicidade apagava-a, apagava-a (...). Já queria sentir-se de novo, mesmo com dor. Mas submergia cada vez mais. Amanhã, adia, amanhã vou-me ver (PCS, 1998: p. 100).

Aliás, Joana sempre foi assim, a felicidade pacata do dia a dia fazia com que ela morresse aos poucos, era um animal selvagem, e como um animal selvagem precisava ser livre, viver em contato com improvável, experimentar a cada dia uma nova sensação e não viver a monotonia de um lar, de um casamento. Joana é totalmente apática as coisas amorfas, ao cotidiano repetitivo. As pessoas estáticas à entediava. É através da fuga, da solidão, do contato com ela mesma através das coisas naturais que Joana encontra liberdade:

Joana enxugou com as costas das mãos o rosto umedecido de beijos e lágrimas. Respirou mais profundamente, sentiu ainda o gosto inosso daquela saliva morna, o perfume doce que vinha dos seios da tia sem se conter mais, a cólera e a repugnância subiram-lhe em vagas violentas e inclinada para a cavidade entre as rochas vomitou, os olhos fechados, o corpo dolorosa e vingativo (PCS, 1998: p. 37-38).

Este ato de vomitar, essa ânsia não acontece somente em relação aos carinhos da tia, mas em face das criaturas amorfas que a rodeia. É neste ato de vomitar que Joana ressalta toda a sua repugnância pelas coisas passíveis, tendo a sensação de liberdade, de perceber a si mesma como ser livre. É para o mar que Joana corre e vomita suas ânsias, ânsia existencial que representa seu repúdio em relação ao mundo e as coisas que por

ele perpassa. Benedito Nunes coloca que *Em Sartre como em Clarice Lispector, a náusea, que neutraliza o poder dos símbolos, é o ponto de ruptura do sujeito com a praticidade diária* (1995, p. 121).

O mar é o lugar que simbolicamente inspira vida e morte. É neste momento, refletindo as águas do mar, que batem violentamente sobre as rochas que Joana compreende que perdera o pai, consegue compreender a morte:

Papai morreu. Papai morreu. Respirou vagarosamente. Papai morreu. Agora sabia mesmo que o pai morreria. Agora, junto do mar onde o brilho era uma chuva de peixes de água. O pai morreria como o mar era fundo! compreendeu de repente. O pai morreria como não se vê o fundo do mar, sentiu (PCS, 1998: p. 39).

No mar Joana se vê sozinha e frágil, *não havia o que fazer: o pai morreria*, mas é refletindo as águas límpidas do mar que Joana descobre a vida que a esperava, uma nova vida. Joana se perde no horizonte das águas e vai em busca de seus instintos.

Com base nas teorias existencialistas e a partir do que podemos perceber na obra, poderíamos dizer que Sartre defende a liberdade e a ação do “ser”. Com isso, ele adverte:

Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens (SARTRE, ONLINE).

Nesse sentido, a personagem constrói sua visão de mundo a partir de seus pulsos intuitivos que ela cria desde criança, em suas brincadeiras de inventar, os quais *sempre arranjava um jeito de se colocar no papel principal(...) porque do contrário seria pau a brincadeira* (PCS, 1998: p. 15). Sempre viveu distanciada do mundo do pai e posteriormente, abominava a formação racionalista do marido, que não conseguia colocar em prática aquilo que teoricamente postulava.

A identidade procurada pela personagem só será alcançada através da angústia e do sofrimento. Não a angústia sonhada pelos românticos, imaginária, mas aquela que traz à consciência a sua situação existencial: ser no nada, no absurdo, no vazio. Será esse sofrimento, juntamente com o tédio, que revelarão a essência da narradora completamente identificada no processo de transitar no que há de mais íntimo na protagonista: seus pensamentos.

Portanto, fazemos uso das palavras de Sartre para dizer que:

A liberdade que se revela na angústia pode caracterizar-se pela existência do nada que se insinua entre os motivos e o ato. Não é porque sou livre que meu ato escapa à determinação dos motivos, mas, ao contrário, a estrutura ineficiente dos motivos é que condiciona minha liberdade. E se indagar-se que nada é esse que fundamenta a liberdade, responderemos que não se pode descrevê-lo, posto que ele não é, mas ao menos podemos captar seu sentido, na medida em que é tendo sido pelo ser humano em suas relações consigo mesmo (2005: p. 78).

Além disso, a personagem busca estar só em sua fragilidade. É na ausência do marido que Joana busca a interiorização de seu ser através da reflexão. Joana não quer ser como a *mulher da voz* que simplesmente vive a sua vida; não quer ser como o marido que na realidade, não se configura na prática o que teoricamente postula, não quer ser como Lídia, passiva e fechada em seu mundinho ingênuo, ela precisa ser ela mesma, quer experimentar a vida e gozar de sua liberdade. Para seu prazer, arruma misteriosamente um amante com qual tem momentos de intensa felicidade, talvez porque ele não a cobra, não exige nada, apenas ama, e após o fim do relacionamento e consequentemente do fim de seu próprio casamento, parte em viagem.

Dessa forma, a personagem acredita em si mesma e vê que tudo é possível desde que queira, se descobre e sua descoberta é como se ela renascesse para recriar o mundo através da ação, como se dissesse *eu posso tudo aquilo que quero*, porque não há nada que a impeça, assim ela reflete os ideais existencialista que luta contra o quietismo, porque para Sartre:

O quietismo é a atitude daqueles que dizem: os outros podem fazer o que eu não posso. A doutrina que lhes estou apresentando é justamente o contrário do quietismo, visto que ela afirma: a realidade não existe a não ser na ação; aliás, vai mais longe ainda, acrescentando: o homem nada mais é do que o seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além do conjunto de seus atos, nada mais que sua vida (SARTRE, ONLINE)

O romance passa então pelas fases Joana menina- mulher- amante sem perder seu ritmo radical e irônico em sua narrativa, fazendo com que cause estranhamento no leitor ao esperar respostas nas páginas adiante o que, acaba por se surpreender com os fatos e as ações que presencia.

Esses conceitos básicos sobre o existencialismo nos leva a entender melhor a construção das personagens de Clarice Lispector, isto é, nos permite fazer uma reflexão sobre a construção de suas narrativas através do uso do linguagem que se instaura em suas obras dando-lhes um caráter poético.

III - A BUSCA DO EU SEM MÁSCARA: A PERSONAGEM FEMININA JOANA NA OBRA PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM DE CLARICE LISPECTOR

A literatura de autoria feminina no Brasil tem seu berço no romantismo, mas é a partir do Modernismo que ela ganha um olhar especial, do ponto de vista crítico. Até então a mulher aparecia na literatura sob a ótica masculina onde era descrita, quando recriada na sua vivência do dia a dia, como a doméstica à espera do marido, ou sendo afetiva, frágil e delicada. No decorrer da história, a mulher sempre foi vítima da exclusão e repressão, ao lado dos negros e das outras minorias.

A literatura feminina surge na tentativa de criar, politicamente, um espaço próprio dentro do universo da literatura em geral, um espaço onde a mulher possa expressar seu ponto de vista, sob um olhar, não o da exclusão, mas que apague a diferença. Não obstante, ela passa a recriar a vida a partir de sua livre escolha. As mulheres passam a respeitar seu próprio sentido de valores e é por esta razão que a essência de seus romances começam a mostrar certas mudanças.

A ficção de autoria feminina no Brasil tem em Clarice Lispector sua referência mais importante e mais recorrente, pois todo texto ficcional de autoria feminina que se caracterize por uma dicção introspectiva se vê, nas últimas décadas, imediatamente debitário de Clarice.

A predominância de tipos femininos na obra de Clarice e nas narrativas de autoria feminina em geral, revelam uma exaustiva busca pelo próprio sentido de sua existência através de personagens tensas, complexas e quase sempre decepcionadas com a realidade cotidiana. Fato este que, de acordo com a estudiosa de literatura brasileira Elódia Xavier, nos faz perceber que *suas personagens têm dificuldade em sair de si mesmas, estão em busca de sua identidade, à procura de um espaço de autorealização* (1991: p. 12).

Essa busca que a mulher trilha por um espaço próprio só é visivelmente observado a partir das últimas décadas, posto que as mulheres que escreviam nos tempos mais tradicionais tinham que seguir certa cadeia moral imposta pela sociedade e em sua maioria ficavam enclausuradas em sua própria escrita.

É, grosso modo, somente a partir de Clarice Lispector que não só a mulher começa a ocupar um espaço significativo na cena literária brasileira, como também começa a produzir uma obra que se peculiariza por uma série de razões já apontadas. (...) A partir de Clarice Lispector, a "condição feminina"

passa a ser problematizada, pondo em questão a ideologia dominante. (XAVIER, 1991, p. 15)

Clarice Lispector assume o discurso e a “condição feminina” para adentrar e desconstruir sua prosa poética, ao criar a condição do “eu feminino”, que não se subordina ao tempo, que se autointerroga, que vai do grito ao sussurro em busca da identidade da mulher encerrada no lar burguês.

Lendo Clarice, somos levados a refletir sobre a condição da mulher imersa em estado de absoluta interiorização, esmagadas pelo peso da subjetividade e torturadas pela realidade externa. Mulheres que vivem oprimidas pelo convívio social, em dolorosa solidão, buscando incessantemente pela própria identidade, numa luta contra seu medo e insegurança.

A própria Clarice representa essa ruptura, essa transgressão descrita pela literatura feminina. Viveu o que poucas mulheres podiam viver na sua época. Entrou na faculdade de direito, algo quase restrito aos homens, casou-se, teve dois filhos e separou-se do marido, quebrando com isso a cadeia moralista imposta pela sociedade. Clarice sempre *levou uma vida afastada de reuniões sociais e detestava ter sua privacidade invadida* (COELHO, 1993: p. 188), talvez isso explique o fato de suas personagens viverem submersas em si mesma.

Por isso discorrer sobre Clarice e sua literatura é uma viagem a um mundo misterioso e inesperado, pois Clarice não era apenas uma mulher de sua época, ela *vivia a ficção em toda sua plenitude*.

Vale ressaltar que é a partir do pós-modernismo que se instaura essa nova literatura feminina, que rompe com as barreiras desfigurando toda aquela imagem da mulher que tínhamos nas outras narrativas, principalmente aqueles sob a ótica masculina, trazendo a mulher idealizada e sentimentalista. Ao estudar a presença da figura feminina no decorrer do tempo, Nelly Novaes Coelho conclui que:

Na nova literatura feminina, o amor (embora sempre latente no universo ali construído) deixa de ser o tema absoluto para ceder lugar às sondagens existenciais, ao ludismo da invenção literária, às fantasias intertextuais, ao questionamento político, à redescoberta do mito ou da história (células primeiras do mundo hoje em transformação) e, principalmente, ao erotismo. A poesia e a ficção deslizam da área ético-amorosa para a existencial (2000, p. 94).

Uma das características da literatura de autoria feminina, é que, devido essa busca de libertação das cadeias vividas no dia a dia, elas ganham uma “natureza introspectiva”, sendo em sua maioria narradas em primeira pessoa fundindo narradora-

autora- personagem. Outra razão que a impulsionava era o desejo de descrever seus próprios sentimentos, de defender uma causa própria.

Dessa forma, a divisão existente entre a voz do narrador e das personagens fica indefinida devido ao uso da ambigüidade que se registra através do fluxo de consciência que elas fazem uso.

A ambigüidade (uma forma do duplo) é uma característica constante; não se trata apenas daquela ambigüidade própria do discurso literário (polissêmico por natureza), mas da que nasce da dúvida, da hesitação; aquela que se opõe ao discurso da certeza (XAVIER, 1991, p. 14).

Após termos elencado algumas características do romance de autoria feminina e de Clarice Lispector, urge adentrar e conhecer a personagem que Clarice cria em seu romance *Perto do coração selvagem* publicado em 1944 nos ecos do pós-modernismo. Agora teremos a mulher escrevendo e explorando o inconsciente da mulher através de um prisma ainda não tentado na literatura brasileira, ou como enfatiza Lygia Fagundes Telles: *Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos. Agora somos nós que vamos dizer o que somos* (In: Coelho, 1993: p. 14).

Perto do coração selvagem é o primeiro romance publicado por Clarice Lispector, tem sua ficção situada nos meados do século XX e traz a família burguesa apaziguada em seus lares e Joana, como personagem central da narrativa, onde tudo passa a girar em torno de sua incessante busca por liberdade – identidade, fato que leva a protagonista a criar estratégias de fuga frente às estruturas vigentes pela sociedade.

O romance relata a história de Joana, que perde a mãe quando ainda era muito nova, vive com o pai que morre quando ela ainda era adolescente e então órfã, vai morar com os tios numa casa de fartura, mas como a relação entre eles fica tensa, devido ao fato de Joana ter roubado um livro quando fazia compras com a tia, eles a envia para um colégio interno. No colégio, sente-se atraída por um professor, depois por Otávio com o qual se casa, depois por um “homem” e finalmente parte em viagem, em busca de alguma coisa, afim de encontrar a si mesma. Assim o romance se configura fragmentado já que os capítulos destacam parte de sua vida, ora no presente ora no passado.

Em sua vasta coleção de obras, Clarice opta sempre por personagens femininas como forma de escrever e inscrever a si mesma, como se estivesse construindo um auto-retrato.

O romance em escala grandiosa pode, pois, recorrer a materiais autobiográficos, porque o autor pode se sentir levado a escrever sobre o que conheceu, sentiu ou viveu, mas a obra ultrapassara seu caráter local. (...) O romance adquire sua impessoalidade própria à medida que avança, convertendo-se num símbolo coerente. Mas o vir-a-ser do livro também é o vir-a-ser do escritor; tal 'como em muitos romances modernistas, "a verdadeira vida, a vida finalmente desvelada e iluminada, a única vida realmente vivida, é a do escritor", observa Proust (BRADBURY & McFARLANE, 1989, p. 330).

Apesar de Clarice negar ser autobiográfica, seus textos sempre trazem algo de si. A crítica Nelly Novaes Coelho em sua obra *A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo* relata que o diferente, que dá a Clarice um caráter de originalidade, se mostra *não só como expressão de uma consciência de mulher, mas também como expressão brasileira de um novo conhecimento de mundo - o existencialista-fenomenológico* (1993: p. 180, grifo do autor).

A palavra é meio que Clarice utiliza para tentar revelar ao ser humano a sua própria razão de existir, fazendo com que a existência humana seja uma eterna busca de sua própria verdade, de sua identidade.

Nesta perspectiva, ocupamos a escrita de Afrânio Coutinho para dizer que *a linguagem de Clarice Lispector contém armadilhas, a sua simplicidade enganosa, pode dar ao leitor a impressão de uma palavra sem fim, de uma superfície horizontal* (1996: p. 529). Mas ao mesmo tempo deixa margem para o imaginário. Através do imaginário, Clarice mostra o mistério da existência, do saber e da alma. Dessa forma a narradora procura mostrar a mulher em toda sua existência complexa, com o uso de palavras comuns que falam por si mesma. Diante disso, observamos neste fragmento da obra tal argumentação:

A distância que separa os sentimentos das palavras. Já pensei nisso. E o mais curioso é que no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo. Ou pelo menos o que me faz agir não é, seguramente, o que eu sinto mas o que eu digo (PCS, 1998: p. 95).

Nesse sentido, personagem e palavras estão estritamente ligadas e nessa fusão, a personagem passa a ser aquilo que diz, e aquilo que ela diz passa a existir, assim ela pode por si mesma traçar sua trajetória. Nascida de uma zona do silêncio, a escrita de Clarice tem na palavra sua possibilidade de escuta, de libertação, no encontro com o outro. É necessário a presença do outro para que sua escrita se cumpra. A sua prosa poética discorre levemente pelos meandros da personagem, fazendo dela uma reveladora de sua palavra através de extensos monólogos que a personagem trava no

decorrer da narrativa. Às vezes, a personagem nos aparece totalmente coberta por máscaras, que vai aos poucos tirando, fazendo com que o leitor utilize de equipamentos adequados para ir descobrindo a figura da personagem.

A personagem Joana segue os traços existencialista para buscar sua identidade, *Tento isolar-me, para encontrar a vida em si mesma* (PCS, 1998: p. 69). Essa busca se faz através das rupturas de valores empregadas pela personagem, busca esta que acaba por deixar a personagem no nada, no vazio, em conflito entre o ser ou não ser, entre estar ou não estar no mundo, *assim, a sondagem do Nada é o resultado da imersão no existencial em busca do essencial, no consciente para atingir o inconsciente, no visível para tocar o invisível, na imanência à procura da transcendência, etc* (MOISÉS, 1996: p. 446).

O romance é narrado em terceira e primeira pessoa, formando um tom confessional quando em primeira pessoa o que faz com que o leitor se confunda entre narradora ou personagem?, narradora ou autora?, ficção ou autobiografia?.

Sua personagem, Joana, é descrita de forma linear, a começar pela sua infância até sua maturidade, seguindo a memória da narradora, ora contando a infância, ora a vida adulta, ora o passado, ora o presente, alternando de acordo com o fluxo de consciência, sem em nenhum momento se ater ao relógio. A preocupação ética e social é substituída pela preocupação existencial, pela realização do próprio ser em busca de uma identidade, no entanto a personagem nos aparece de forma contraditória e confusa. Em *A personagem de ficção*, Antonio Cândido ao tentar definir a construção, ou melhor, a caracterização da personagem nos diz que:

A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nos apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação (1995: p. 59).

Através da fuga aos estereótipos por meio da linguagem, narradora e personagem travam uma incessante busca por identidade, rompem com a narrativa ligada a fatos e acontecimentos, tentando casar forma e conteúdo. Isso é o que observa a dupla de estudiosos Benjamim Abdalla e Samira Campedelli no livro *Tempos da literatura brasileira*:

Personagens e narradores desenvolvem, assim, um mesmo tipo de prática: aventuram-se através da imaginação, buscando romper com a barreira da palavra, com o rotineiro mundo lógico, voltado unilateralmente para os fatos observáveis. É necessário recuperar o “selvagem coração da vida”, perdido quando o homem historicamente perdeu sua liberdade intuitiva – um mundo pré-lógico e pleno de vitalidade (1994: p. 272).

Essa aventura através da imaginação pode ser apreendida no fragmento da obra que se segue:

A máquina do papai batia tac-tac... tac-tac-tac... O relógio acordou em tin-dlen sem poeira. O silêncio arrastou-se zzzzzz. O guarda-roupa dizia o quê? roupa-roupa-roupa. Não não. Entre o relógio, a máquina e o silêncio havia uma orelha à escuta, grande, cor-de-rosa e morta. Os três sons estavam ligados pela luz do dia e pelo ranger das folhinhas da árvore que se esfregavam umas nas outras radiantes (PCS, 1998: p. 13).

Esse amontoado de palavras comuns retiradas do cotidiano, da rotina do mundo lógico é permeado pela imaginação, onde metaforicamente, a personagem tenta apreender a realidade concreta ou mesmo atingir seu conhecimento real das coisas. A obra de Clarice, de um modo geral está comprometida com o homem e sua realidade. A antítese que se forma entre a oposição das coisas concretas versus abstratas se faz a partir da tentativa de romper com a barreira das palavras buscando chegar ao âmago da existência. Essa tentativa de absorver a realidade concreta, os fatos observáveis, é quase sempre frustrado frente a constante submersão ao inconsciente, ao mundo da imaginação:

(...)Mas de repente num estremecimento deram corda no dia e tudo recomeçou a funcionar, a máquina trotando, o cigarro do pai fumegando, o silêncio, as folhinhas, os frangos pelados, a claridade, as coisas revivendo cheias de pressa como uma chaleira a ferver. Só faltava o tin-dlen do relógio que enfeitava tanto. Fechou os olhos, fingiu escutá-lo e ao som da música inexistente e ritmada ergueu-se na ponta dos pés. Deu três passos de dança bem leves, alados (PCS, 1998: p. 13-14).

Não é necessário que o mundo concreto se movimente para que a personagem possa agir, ela por si mesma faz com que as coisas aconteçam, através da imaginação, do uso das palavras. O mundo externo serve de espelho para refletir a imaginação da personagem. Joana quebra com a expectativa criada pela ideologia autoritária e pratriarcal. Todas as relações que Joana teve com os outros tentam domesticá-la, pois ela se sentia como um animal selvagem preso em uma jaula, que busca a todo instante por sua liberdade, a fim de recuperar o “selvagem coração da vida”.

A certeza de que dou para o mal, pensava Joana.
O que seria então aquela sensação de força contida, pronta para rebentar em violência, aquela sede de empregá-la de olhos fechados, inteira, com a

segurança irrefletida de uma fera? Não era no mal apenas que alguém podia respirar sem medo, aceitando o ar e os pulmões? Nem o prazer da daria tanto prazer quanto o mal, pensava ela surpreendida. Sentia dentro de si um animal perfeito, cheio de inconseqüências, de egoísmo e vitalidade (PCS, 1998: p. 18).

Como se pode observar, a personagem já trazia o mal dentro de si. Quando criança o pai logo reconheceu na filha sua solidão, e num ato que mistura amor, piedade e apreensão questiona: *O que vai ser de Joana* (p.17). Isso significa que desde que começamos a conhecer a personagem ela é movida por um adocicado gosto para o mal que vai aos poucos tomando forma e talvez, porque através do mal, ela se sinta livre do medo, estando segura de sua busca e ganhando forças para alcançá-la.

Suas descrições físicas são por vezes irrelevantes, o que está em jogo é a complexidade que a personagem está imersa. Antonio Cândido relata ser esta complexidade uma das características principais da personagem, no que diz:

O romance moderno procurou, justamente, aumentar cada vez mais esse sentimento de dificuldade do ser fictício, diminuir a idéia de esquema fixo, de ente delimitado,...). A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas (1995: p. 59-60)

O que interessa na obra de Clarice é adentrar na consciência da personagem e apesar de em nenhum momento da obra, Joana ser descrita como bela e amável, ela não questiona essa situação, o que está em questão é o próprio ser, é seu modo de ser no mundo, é ser alguém identificável a si mesma, como se vê no trecho a seguir:

Quando me surpreendo ao fundo do espelho assusto-me. Mal posso acreditar que tenho limites, que sou recortada e definida. Sinto-me espalhada no ar, pensando dentro das criaturas, vivendo nas coisas além de mim mesma. Quando me surpreendo ao espelho não me assusto porque me ache feia ou bonita. É que me descubro de outra qualidade. Depois de não me ver há muito quase esqueço que sou humana, esqueço meu passado e sou com a mesma libertação de fim e de consciência quanto uma coisa apenas viva (PCS, 1998: p. 68).

É em contraste com as coisas amorfas, com as coisas pacatas que a vida lhe oferece que Joana ganha impulso para encontrar sua identidade e conseqüente liberdade. A medida em que vamos conhecendo o caráter da personagem, percebemos que assim como se configura a realidade do homem contemporâneo nas grandes metrópoles, nossa protagonista vive perdida num mundo que parece ser contra ela, onde vive sempre em busca, sem nunca chegar a lugar algum. Com isso, Joana luta contra os padrões vigentes na sociedade, como se pode conferir na obra:

A bondade me dá ânsias de vomitar. A bondade era morna e leve, cheirava a carne crua guardada há muito tempo. Sem apodrecer inteiramente apesar de tudo. Refrescavam-na de quando em quando, botavam um pouco de tempero, o suficiente para conservá-la um pedaço de carne morna e quieta (PCS, 1998: p. 19).

A bondade, uma forma de complacência é um hábito que a sociedade conserva no decorrer do tempo. Para Joana não é necessário inspirar os ares da bondade para adentrar na sociedade, mas sem ela não é possível se encaixar dentro das leis morais vigentes, embora Joana não prossegue este caminho. A bondade a impede que faça aquilo que realmente quer, funciona sobre ela como uma cadeia. Essa oposição à bondade se revela através do ódio que a personagem guarda em relação ao medíocre, à vida falsa que a sociedade sustenta e, essa ânsia que Joana sente diante da bondade é revertida sobre as pessoas que a conservam, como a tia de mãos grossas e seios grandes de onde *podia-se meter a mão como dentro de um saco e de lá retirar uma surpresa, um bicho, uma caixa, quem sabe o quê* (PCS, 1998: p. 37).

Aqui se observa que é ódio que Joana vomita, como se através deste ato de vomitar ela pudesse jogar fora tudo aquilo que a aprisiona, como forma de encontrar-se livre:

Joana enxugou com as costas das mãos o rosto umedecido de beijos e lágrimas. Respirou mais profundamente, sentiu ainda o gosto ensosso daquela saliva morna, o perfume doce que vinha dos seios da tia. Sem se conter mais, a cólera e a repugnância subiram-lhe em vagas violentas e inclinada para a cavidade entre as rochas vomitou, os olhos fechados, o corpo doloroso e vingativo (PCS, 1998: p. 38).

Embora, muitas sejam as manifestações de Joana voltadas para o mal, há nela certo movimento conflituoso, *de fechamento e abertura, de ruído e silêncio, de iluminação e sombras, de caos e ordem*. (GOTLIB, 1995, p. 168). Esse conflito se dá pela ruptura que a personagem se propõe, buscando quebrar com os padrões sociais, ético e religioso, como se vê abaixo:

Então, começou a pensar que na verdade rezara. Ela não. Alguma coisa mais do que ela, de que já não tinha consciência, rezara. Mas não queria orar, repetiu-se mais uma vez fracamente. (...) Não, ainda não estava tão esgotada que desejasse covardemente rezar em vez de descobrir a dor, de sofrê-la, de possuí-la integralmente para conhecer todos os seus mistérios. E mesmo se rezasse... (PCS, 1998: p. 82).

Nesse mundo completamente masculino, onde o homem detém o poder da palavra, Joana transgride, mesmo que passando por vários conflitos existenciais. Ela, assim como configura o existencialismo vê a verdade em si mesma e posto que tudo está em

seu interior, utilizar-se de Deus para exprimir e confortar os fatos seria uma atitude covarde, pois *não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer, como ele se concebe após a existência, como ele se quer após o impulso para a existência* (SARTRE, ONLINE).

A questão não está em defender se Deus existe ou não, mas em ver o fato voltado para o próprio ser humano. A partir do momento em que a ciência destrói antigas certezas ela não consegue mais fundar um centro ordenador para as coisas, deixando o homem lançado ao mundo das incertezas, em um mundo de palavras que lhe escapa a significação.

Oh, Deus. Isso, sim, isso: se existisse Deus, é que ele teria desertado daquele mundo subitamente excessivamente limpo, como uma casa ao sábado, quieta, sem poeira, cheirando a sabão. (...) Uma igreja alta e sem dizer nada. Os santos finos e delicados. Quando a gente toca são frios. Frios e divinos. E nada diz nada (PCS, 1998: p. 32 e 41).

Todas as confluências acabam por encerrar no vazio, no nada. É essa vaguidão que faz com que a personagem tenha medo da solidão, do vazio, do nada. A narradora volta na infância, ao tempo em que Joana brincava de inventar e perturbava o pai com *papai o que é que eu faço?* (PCS, 1998: p. 15), mostrando o vazio que percorre a personagem desde a infância até a maturidade. Agora é como se tivesse medo de descobrir a si mesma, sua essência: — *O que vai acontecer comigo?* (PCS, 1998: p. 56), como se esse descobrimento afetasse tudo o que tinha vivido e traçasse novos caminhos ainda não conhecido. Mas como que por um impulso, ela se reativa e descobre que não há porque sofrer, pois descobre sua busca que se faz através da perseguição de sua própria identidade.

Não se sentia fraca, mas pelo contrario possuída de um ardor pouco comum, misturado a certa alegria, sombria e violenta. Estou sofrendo, pensou de repente e surpreendeu-se. Estou sofrendo dizia-lhe uma consciência à parte. E subitamente esse outro ser agigantou-se e tomou o lugar do que sofria (PCS, 1998: p. 52).

O homem transforma-se em defesa como forma de se preservar contra o perigo que a realidade representa. Assim, nas palavras de Nelly Novaes Coelho *a obra realizada por Clarice Lispector revela uma longa aprendizagem existencial e criadora que testemunha a crise-das-certezas e a obsessão da busca que define o nosso século* (1993: p. 185) A inversão de valores clamada pela personagem serve não menos que

uma tentativa de afirmar-se individualmente, de se colocar em oposição ao mundo estático.

Ao lado da bondade e de Deus se situa o amor, a terceira forma de o homem prender-se ao mundo. Esse era o significado do amor para Joana, seu casamento é um troféu conquistado, que ela tira das mãos de Lídia, mas não por amor, porque ela mesma não sabia definir esse sentimento de atração e repulsa que sentia ao mesmo tempo, no entanto, o amor que personagem almeja não é o amor que aprisiona, mas que liberta, e é por deixar seu marido-Otávio livre que ele reata seu romance com Lídia. Eles representam juntos, as duas faces da moeda. Joana busca a liberdade deixando assim o marido livre enquanto ele precisava da cadeia de amor que ela não podia oferecer, como se pode perceber no que se segue:

— Você sempre me deixou só.

— Não..., assustou-se ela. — É que tudo o que eu tenho não se pode dar. Nem tomar. Eu mesma posso morrer de sede diante de mim. A solidão está misturada à minha essência...

— Não, repetiu ele, obstinado, os olhos turvos. — Você sempre me deixou só porque quis, porque quis.

— Não tenho culpa, gritou Joana, acredite... está gravado em mim que a solidão vem de que cada corpo tem irremediavelmente seu próprio fim, está gravado em mim que o amor cessa na morte... Minha presença sempre foi essa marca... (PCS, 1998: p. 179).

Nessa instância, Joana arruma um amante o qual ela não consegue descrevê-lo pois não sabia nem seu nome, apenas onde morava. Teve um relacionamento rápido, do qual ela não explica, simplesmente sabemos que gostava de estar a seu lado e ele nada exigia, ela almejava em entendê-lo e ele nada era, como uma incógnita, que ela tentava compreender. Por fim, ele desaparece sem se despedir, deixando apenas um bilhete comunicando sua partida e pedindo por sua espera. Joana lembra-se de que eles não passavam de *um corpo vivendo, nada mais* (PCS, 1998: p. 188) e por isso não havia sofrimento. Então compreende o fim inevitável das coisas, como se retornasse a infância e visse as *galinhas-que-não-sabiam-que-iam-morrer*.

Deus, assim como o amor e a bondade não passam de meras formas para justificar a vida, fato que leva a personagem a se afirmar pelo negativo, converte-se em si mesma, repudiando o mundo estático e opaco. Para o existencialismo:

Tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dela a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. (...) Ele considera que o homem é responsável por sua paixão. O existencialismo não pensará nunca, também, que o homem pode conseguir o auxílio de um sinal qualquer que o oriente no mundo, pois considera que é o próprio homem quem decifra o

sinal como bem entende. Pensa, portanto, que o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante (SARTRE, ONLINE).

Assim sendo, nossa personagem não quer ser como o marido que não é na prática aquilo que teoricamente postula, não quer ser como Lídia que encerra a passividade da mulher no lar vivendo em sua pequena família, não quer ser como a mulher da voz que apenas vive. Entretanto, Joana acaba por invejar essas criaturas estáticas, acaba por querer ser como elas:

Depois de um instante de absorção, Joana percebeu que a invejara, aquele ser meio morto que lhe sorria e falara em tom de voz desconhecido. Sobre tudo, pensou ainda, compreende a vida porque não é suficientemente inteligente para não compreendê-la (PCS, 1998: p. 78).

Como entender esta personagem de Clarice? Tão firme e tão confusa ao mesmo tempo? Como situá-la num mundo caótico que acaba por se desestabilizar? Essa personagem que anda de trem, passeia pelo campo, come galinha assada, ouve o galo cantar, faz compras, vomita diante da verdade, admira o cotidiano familiar e vive além deste simples mundo. Por isso, descobrir a traição do marido acaba por encerrar uma ânsia de liberdade presa dentro de si. Como se até o momento não tivesse coragem, apesar de sua bravura, de descartá-lo:

Encostou a cabeça no seu peito e lá um coração batia. Pensou: mas mesmo assim, apesar da morte, vou deixá-lo um dia. Conhecia bem o pensamento que lhe poderia vir, fortalecendo-a, se antes de deixá-lo se comovesse: "Eu tirei tudo o que poderia ter. Não o odeio, não o desprezo". (...) Eu descobri que no fundo não havia em mim surpresa: que tudo caminhava lentamente para aquilo e agora se precipitara no seu verdadeiro plano" (PCS, 1998: p. 111 e 154).

Tudo já era previsto e não haveria porque Joana voltar atrás, o fim do casamento significava a Joana não o fim, mas o início de uma nova vida. Nela figura o "coração selvagem", onde transita um bem que é a liberdade natural da vida em interação com a dialética do mal, revelando seu instinto anti-social. Tendo em vista que o romance não se caracteriza por acontecimentos externos e concretos, as personagens se configuram através de uma conjunção de idéias buscando se posicionar diante da realidade vivida. A luta que a personagem apreende se fecha em si mesma, levando-a as divagações abstratas: *Aceito tudo o que vem de mim porque não tenho conhecimento das causas e é possível que esteja pisando no vital sem saber; é essa a minha maior humildade, adivinhava ela* (PCS, 1998: p. 20).

Incapaz de conhecer o outro, a personagem refugia em si mesma em busca da liberdade, razão pela qual a personagem desabrocha fazendo ver que ela pode ser alcançada por todos desde que tenham plenas condições para navegar através da imaginação. Essa liberdade procurada pela personagem, de acordo com o existencialismo de Sartre, está no encontro com si mesma, pois:

É através da liberdade que o homem escolhe o que há de ser — escolhe sua essência e busca e realizá-la. É a escolha que faz entre as alternativas com que defronta que constitui sua essência. E é essa escolha que lhe permite criar seus valores. Não há como fugir a essa escolha, pois mesmo a recusa em escolher já é uma escolha. Ao escolher, o homem escolhe sua essência — e a realiza (In: Penha, 1998: p. 46).

Fadada em aceitar os limites impostos, Joana se lança na solidão, e sabendo que talvez não possa superar os limites sozinha ela vive em estado de completa perplexidade. O espaço de liberdade é criado a partir do rompimento do indivíduo com os laços sociais, com aquilo que está convencionalizado:

A liberdade que às vezes sentia. Não vinha de reflexões nítidas, mas de um estado como feito de percepções por demais orgânicas para serem formuladas em pensamento. Às vezes, no fundo da sensação tremulava uma idéia que lhe dava leve consciência de sua espécie e de sua cor (PCS, 1998: p. 43).

O capítulo da obra intitulado *A partida dos homens* demonstra a descoberta que Joana faz do mundo e de si mesma, ganhando impulso para voar. É na partida de Otávio que ela acaba por descobrir que fora ela mesma quem se distanciou daquele mundo caótico e na partida do amante, que vai embora deixando apenas um bilhete, Joana apreende a verdadeiro significa de sua busca: atingir a essência de sua existência, viver cada dia como se este fosse o último, partir em busca de seus verdadeiros instintos. E como quando era criança, Joana tenta compreender a si mesma na apreensão da realidade concreta, reavivando a intensa certeza do mundo vital destinado à morte, tal como descreve na obra:

Era de manhã, sabia que era de manhã... Recuando como pela mão frágil de uma criança, ouviu, abafado como em sonho, galinhas arranhando a terra. Uma terra quente, seca... o relógio batendo tin-dlen... tin...dlen... o sol chovendo em pequenas rosas amarelas e vermelhas sobre as casas... Deus, o que era aquilo senão ela mesma? Mas quando? não, sempre... (PCS, 1998: p. 189).

Ao descobrir a si mesma em meio àquelas abstrações, descobre que não pode esperar trancada em si mesma até que a morte venha, descobre que aquele homem se lançava em sua própria busca e porque não ela também? Porque se prender se ela

mesma sempre lutou contra as barreiras. Sabia que podia criar o mundo a sua maneira. Em termos existencialistas, Joana descobre em si mesma o caminho para se assumir enquanto criadora, identifica-se com o poder criador de Deus: — *Faça-se a luz ...*, do qual o homem é partícipe, mesmo sem saber, e ela descobre na palavra o poder da criação e da transgressão, ela era em si o “começo e o fim”.

Um dia virá em que todo meu movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nós que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há a temer, que tudo o que eu for será sempre onde haja uma mulher com meu princípio, erguerei dentro de mim o que sou um dia, a um gesto meu minhas vagas se levantarão poderosas, água pura submergindo a dúvida, a consciência, eu serei forte como a alma de um animal e quando eu falar serão palavras não pensadas e lentas, não levemente sentidas, não cheias de vontade de humanidade, não o passado corroendo o futuro! o que eu disser soará fatal e inteiro! não haverá nenhum espaço dentro de mim para eu saber que existe o tempo, os homens, as dimensões, não haverá nenhum espaço dentro de mim para notar sequer que estarei criando instante por instante: sempre fundido, porque então viverei, só então viverei maior do que na infância, serei brutal e malfeita como uma pedra, serei leve e vaga como o que se sente e não se entende, me ultrapassarei em ondas ... (PCS, 1998: p. 201).

Tal passagem se inscreve na obra de forma lírica e inspira ares bíblicos, onde a personagem toma para si todo o poder de criação. É ao descobrir a si mesma que a personagem descobre que está só no mundo, que não existe nada fora dela que ela possa se agarrar, porque ela é por si mesma a liberdade. Tal reflexão encontra sua base no existencialismo no que procede:

(...) não está escrito em lugar nenhum que o bem existe, que devemos ser honestos, que não devemos mentir, já que nos colocamos num plano que só existem homens. Dostoiévski escreveu: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Eis o ponto de partida do existencialismo. De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dela nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada definitiva, ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.(...) Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso de valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz (SARTRE, ONLINE).

Contudo, é este esgotamento de si mesma que faz com que a personagem mergulhe numa nova realidade, é o momento sonhador, momento este em que se descobre. É como se ela morresse e depois renascesse de novo e junto dela morresse também o mundo, como se ao nascer ela pudesse ir criando as coisas pouco a pouco:

Impossível explicar. Afastava-se aos poucos daquela zona onde as coisas tem forma fixa e arestas, onde tudo tem um nome sólido e imutável (PCS, 1998: p. 194). Assim, ela se despede do mundo antigo e se entrega a liberdade ora conquistada, sendo criadora de sua nova vida. Para que se concretize parte em viagem, sem mencionar seu destino, apenas nos diz que vai em busca de sua identidade, de seu essencial que só se completa em sua total liberdade.

Vale ressaltar que as mulheres claricianas vivem à beira do desmaio, do êxtase, como se a qualquer instante algo acontecesse e as elevasse a um momento único e iluminado, uma revelação interior que chega subitamente, causando-lhes uma deliciosa estranheza que se manifesta sob forma de explosão espiritual, como o ato de reconhecer a si mesma. É a partir desse abrilhantamento, deste “instante mágico” que Affonso Romano de Sant’Anna chama de epifânia que a narrativa atinge o seu pico de ação, ao contrário dos modelos tradicionais que são regidos por fatos concretos; no caso de Clarice, principia a descoberta, e em consequência desse momento é que a ação vai se inserindo lentamente, conforme o fluxo de pensamento das personagens.

Portanto, Clarice expõe através das palavras o universo feminino marcado com esta obra o início de uma série de mulheres que irá construir afim de encontrar “o selvagem coração da vida”.

A mulher é construída a partir de modelos tradicionais para por fim se despersonalizar, pois a autora utiliza de personagens comuns procurando representar através delas as crises existenciais, é através da *própria condição de mulher que tenta se redescobrir e se reequacionar em sintonia com as novas forças imperantes* (COELHO, 2000, p. 121).

Episódios comuns são o ponto de partida da narrativa clariciana, cujos temas se misturam quase que constantemente entre a busca pela identidade e a repulsa pelo monótono mundo, inautêntico e repetitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Após este pequeno apanhado sobre a escrita de Clarice Lispector e a construção da personagem feminina na obra “Perto do coração selvagem” foi possível perceber seu cunho existencialista que perpassa não só esta obra, mas também várias outras obras que Clarice escreveu.

A autora se inscreve nas correntes existencialistas, pois buscava através de suas narrativas alcançar a “identificação do ser no mundo”, deixando em evidência sua existência e sua consciência dentro da obra. Dessa forma, podemos perceber que a vida da personagem da obra em questão e a vida da própria escritora estão estritamente ligadas.

Clarice Lispector deixa evidente seu existir dentro da obra. A existência da protagonista Joana deixa-nos margens para podermos traçar comparações entre o mundo real de Clarice e o mundo fictício vivido pela personagem, abrindo espaço para que o leitor questione sua posição como sujeito agente no mundo em que vive.

Ao lermos o livro, somos seduzidos por sua linguagem poética e pela intimidade que estabelece, que nos leva ao interior do ser humano. Por meio do jogo de palavras, a narradora pega o leitor de surpresa ao mostrar a realidade pela vertente mais obscura, a análise do ser humano através de manifestações irônicas, pela angústia, pelo sofrimento, pela falta de amor e pela desumanização do próprio ser humano.

Nessa perspectiva, é preciso aguçar a curiosidade dos leitores a lerem e pesquisarem as obras de Clarice Lispector que trazem em si a essência do ser humano, revelado através de palavras que relatam não menos que o cotidiano das pessoas. A mulher é colocada no seu dia a dia de forma pura e nua, revelando seus princípios mais acobertados.

Através dos complexos existenciais, o leitor se lança numa autodescoberta, tentando de encontrar a si mesmo através de seus instintos primitivos, ou seja, a fim de encontrar o “selvagem coração da vida”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA:

ABDALA JR, Benjamim & CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1994

AUERBACH, Erich. **Mimeses**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade : estudos de teoria e historia literária**. 8 ed., São Paulo, T.A.Queiroz, 2000.

_____ A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. (Texto e Contexto) 9º ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

BRADBURY, Malcolm & MCFARLANE, James. **Modernismo**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: companhia das letras, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____ **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peiropolis, 2000.

COUTINHO, Afrânio. (dir.) **A literatura no Brasil- Era Modernista**. 4 ed. São Paulo: Global, 1997.

GOTLIB, Nadia Battella. **Clarice: Uma vida que se conta**. 4 ed., São Paulo: Editora Ática, 1995.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1997.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. 3 ed., São Paulo: Ed. Cultrix, 1996.

_____ **A Criação Literária.** 15 ed., São Paulo: Ed. Cultrix, 1997.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector.** 2 ed., São Paulo: Ática, 1995.

PENHA, João da. **O Que é Existencialismo.** 13 ed., São Paulo: Editora brasiliense, 1998.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Análise estrutural de romances brasileiros.** 7 ed., São Paulo: Ática, 1990.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada - Ensaio de ontologia fenomenológica.** Trad. e notas de Paulo Perdigão. 11 ed., Petrópolis- Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

XAVIER, Elodia C. F. (Org.) **Tudo no feminino: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 40º ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994.

BRANCO, Lucia Castelo & BRANDAO, Ruth Silviano. **A mulher escrita.** Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial: LTC- Livros técnicos e científicos ed., 1989.

FORSTER, Edward M.. **Aspectos do Romance.** Trad. Maria Helena Martins- 2 ed. São Paulo: Globo, 1998.

NEPOMUCENO, Maria Apª. E. F. **Clarice Lispector: Relações discursivas e realidade.** 2003.TCC Especialização lato- sensu. Faculdade Católica Rainha da Paz-MT.

_____ **A Hora da Estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

OBRAS:

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SITES VISITADOS:

SARTRE, Jean-Paul .**O existencialismo é um humanismo**. Trad e notas Rita Correia Guedes.Paris, 1970. Disponível em: <http://ateus.net/artigo/ensaio/ensaio/filosofia>. Acessado em 20/10/2006.